

— Mas ainda havia muito tempo, opinou Chico Herculano; quando devia chegar o promotor?

— Acho que deve estar aqui nestes vinte dias. Ele disse em sua carta que pretende tomar o trem para o Quixadá no dia 15; chega ali à tarde, dorme, sai de manhã cedo e vem descansar no Riacho da Ema; sai à tarde e vem dormir na Lagoa; fazendo uma boa madrugada, pode vir descansar no Croatá e dormir na Varge da Onça; no dia 18 vem dormir no Serrote; no dia 19 pode alcançar perfeitamente o Lajeiro, embora ande algumas horas com a lua, que é cheia no dia 16.

— Isso é lá viagem! exclamou Casimiro; ele pode sem fúria nenhuma vir jantar aqui no dia 19! Eu tenho vindo do Quixadá aqui em dois dias e meio. O ano retrasado, quando estive na Capital, saí do Quixadá numa terça-feira já com o sol fora e vim jantar em casa na quinta.

— Ora, seu Casimiro, você quer comparar-se com um rapaz que passa meses e meses sem montar? Logo nas primeiras léguas ele fica com o assento em petição de miséria. Eu, quando passo quinze dias sem andar a cavalo, fico todo assado só com o passeio ao Limoeiro gu à Forquilha: preciso ir à enxúndia de galinha.

Chico Herculano concordou que o Dr. Alípio não podia chegar antes do dia 20, e assim era melhor, porque, dormindo ele no Lajeiro, teria que fazer de manhã apenas quatro léguas e estaria na cidade na hora do almoço. Haveria tempo de sobra para preparar o palacete, não achava s. revma?

Bateram as Trindades. O vigário tirou o gorro e isolou-se do grupo para orar. Todos se descobriram. Uma forte verberação do poente corria a igreja de um alaranjado vivo. Pairava em tudo uma serenidade infinita; e, na meia luz do espaço, as notas do sino ressoavam solenemente, com uma vibração demorada e cheia.

Por todas as aberturas do templo se escapavam morcegos para a razia noturna, tomando rumos diversos, num vôo trôpego, a que faltava a flutuação serena da plumagem. Nos tamarindeiros do quintal as graúnas faziam as despedidas ao sol, desferindo as notas agudas e limpas do seu canto, a estalarem cristalinamente na calma religiosa do ar.

CAPÍTULO II

AQUELE DIA, 19 de fevereiro, era a véspera da chegada do promotor formado, Alípio Flávio de Campos. O sobrinho do padre Balbino vinha assumir o cargo provido interinamente em Manuel Pinheiro,

uma vez por outra no exercício da promotoria, que exercia cumulativamente com as funções de médico amador, cuja reputação afugentava de Ipuçaba, à falta de clínica, os profissionais diplomados.

Na Fortaleza e no Recife gozava o bacharel Alípio de fama de talentoso, não porque se houvesse distinguido muito nos seus estudos jurídicos, mas por suas aptidões oratórias e pelos trabalhos literários publicados nas revistas acadêmicas do Recife. Obtivera um ruidoso triunfo com o discurso de formatura, bordado sobre um tema audacioso e cheio de irreverência para com os lentes. Era autor de um livro — *Pingentes* — coleção de poesia prefaciada por Tobias Barreto, mestre a quem votava uma admiração fanática.

Em Ipuçaba ninguém sabia coisa alguma sobre a individualidade privada do novo promotor, a não ser o vigário, que cooperara bastante para a sua formatura, sacrificando-se às vezes para atender aos pedidos que ele lhe fazia nos seus freqüentes apertos pecuniários. Houve mesmo uma temporada de mais de ano, durante a qual o acadêmico viveu exclusivamente à custa do tio, por ter perdido dois anos de curso numa infrene vadiagem, num completo abandono dos estudos, fazendo literatura, sustentando polêmicas nos jornais e vivendo em bambochatas com um grupo de boêmios que deixaram tradições famosas na Faculdade.

O pai de Alípio, homem poupado e birrento, cortara-lhe inflexivelmente a mesada depois de ter ele gazeado os exames do terceiro ano, e só a restabeleceu quando o rapaz se resolveu a voltar ao bom caminho, graças à ameaça do tio que, cansado de lhe dar conselhos, também não lhe quis mais dar dinheiro. Por esse tempo morreu o pai do estudante, e este fato concorreu em grande parte para que ele levasse a cabo com regularidade o resto do curso.

O padre Balbino, em sua grande afeição ao sobrinho, perdoou-lhe tudo, enxergando nos desvios de sua conduta o efeito das más companhias e da vida praciona com todos os seus perigos e seduções. Subordinado a mocidade inteira à disciplina férrea do Seminário, ele tivera pungentes momentos de revolta íntima, febris assomos de fugir do jugo eclesiástico e ir participar da vida livre que ia lá por fora daquelas tristes paredes onde enjaulavam a sua jovem carne dolorosa. Nas condições de Alípio não teria feito também algumas tolices? Conhecia casos muito piores de rapazes que se haviam perdido completamente. Afinal não restava muito de que se queixar; o sobrinho aí estava formado aos vinte e quatro anos, com fama de inteligente, bem apessoado e sabendo fazer um discurso como poucos.

“Contanto que ele tenha dito adeus para sempre à pândega e não me venha comprometer perante os amigos”, monologava quase audivelmente o padre a passear na calçada, enquanto não o chamavam para o jantar. E, passeando, inspecionava o serviço do mes-

tre Nicolau, que, felizmente, não se tinha lembrado da cana naqueles últimos dias.

O casarão estava verdadeiramente galante com a sua fachada pintada a cor-de-rosa e as pontas a azul vivo; uma barra de piche listrava o pé da parede, realçando o tom claro da pintura e exalando um cheiro saudável de coisas asseadas. A sala, caiada, branquejava cruamente, enquadrando as portas, também pintadas de azul, e parecia mais vasta com o ladrilho novo de tijolos vermelhos.

O vigário tinha apenas consigo uma criada velha, cozinheira, e um rapazinho para mandados, e, como não possuía acessórios de mesa suficientes para um almoço de festa, iria o sobrinho com a comitiva de recepção almoçar em casa de Asclepiades, cuja mulher era mestra em quitutes. Do jantar se encarregara o Chico Herculano, que também preparara uma reunião dançante em honra do seu hóspede.

Continuava o vigário a percorrer maquinalmente a calçada de uma ponta à outra, as mãos presas atrás das costas, sentindo já uma fadiga cerebral de pensar nas mil coisas concernentes à recepção do sobrinho. O major Herculano tivera a fineza de lhe mandar trazer pela manhã o seu cavalo de sela, o incomparável *Sanhaçu*, em que só o ancião montava e isso mesmo quando vinha à cidade aos domingos ouvir missa. Olhando por cima do muro, o padre viu o formoso animal amarrado debaixo de uma árvore — um grande cardão rodado de crina farta e crespa, de orelhas pequeninas, que se hirtavam ao menor ruído, de pêlo luzidio como cetim.

“Não vá este bicho dar-me com o rapaz no chão...” resmungou o padre.

— A janta tá pronta, veio dizer a Josefina, assomando à porta.

E o vigário estava à sobremesa quando chegou Asclepiades, gritando à porta da entrada:

— Ainda se come nesta casa?

— Vá entrando, seu compadre.

Sem descobrir-se, o coletor foi ter à sala de jantar, onde o dono da casa fazia um melão em talhadas.

— É servido?

— Não, obrigado; jantei há pouco e não sou lá muito afeiçoado a essa fruta.

— Você não tem gosto, homem! pois há fruta que se compare a esta?

E o padre segurava com as duas mãos uma grossa talhada sumarenta em que cravava com delícia os belos dentes.

— Como vai o nosso banquete?

— Um pouco atrapalhado, porque a sua comadre e Floriza não têm quem as ajude. Esta gente aqui mal sabe chamuscar uma carne no espeto; só serve para lavar panelas. Mas há de arranjar-se tudo, porque a minha velha nessas coisas faz milagres. Agora mesmo

fui falar na padaria para assar o peru e o leitão, de madrugada, quando sair o pão do forno.

— Que trabalhadeira para a minha comadre!

E num tom radiante:

— Sabe que o nosso major mandou o *Sanhaçu* para o rapaz entrar na cidade?

— Hum! Bravos! Aquilo é o melhor cavalo destas redondezas! O Zé Serrão carrega muita prosopopéia com o seu melado; mas está muito abaixo do *Sanhaçu* em marchas, figura e tudo.

— Boa dúvida! Nem há comparação. Josefina, manda o café.

Asclepiades aceitou uma xícara. Já havia tomado uma xícara; mas, quando recusasse café, podiam cortar-lhe a mortalha.

Os dois saíram para a calçada. Todos os palestradores do costume se anteciparam naquela tarde, e com eles vieram outros indivíduos que deviam fazer parte da comitiva e queriam saber a hora e o lugar de reunião na manhã seguinte. A mobília do vigário foi insuficiente e, por isto, dois deles tiveram que sentar-se na soleira da janela. Um outro, o açougueiro Joaquim Rufo, sentou-se sem cerimônia no cordão da calçada, o que não lhe ficava de todo mal por estar de calça e camisa, como de costume.

— Devemos preparar-nos de maneira que possamos sair daqui às 6 da manhã para estarmos na passagem do rio às 8.

Pouco dormiu o sacerdote naquela noite; às quatro da madrugada já estava de pé, chamando a altos brados a Josefina e o Bernardino; aquela foi para a cozinha preparar o café e este, tonto de sono, partiu a buscar o cavalo do amo no cercado do açude.

A começar das 5 horas, cavaleiros começaram a chegar. Uma penumbra fugitiva envolvia suavemente a cidade imersa ainda num sono discreto e profundo. Longas cintas de rosa e verde pálido se entremostravam através do acolchoado das nuvens pardas oureladas de ouro. O alvorecer coava lampejos vagos pelas eminências, e grandes nuvens se deslocavam do horizonte, demandando o alto do céu.

Os galos amiudavam os seus cantos, que se repetiam de quintal em quintal num concertante wagneriano, garganteados em tons vários — notas grossas e arrastadas de galos velhos, outras limpas e retinidas de galos novos, tudo entremeadado dos falsetes dos franguinhos pretensiosos e dominado pelas fanfarras intermitentes das galinhas-d'angola.

Nas pausas da sinfonia ainda se ouviam, reduzidas à surdina, pela distância, as escalas estrídulas das seriemas.

De envolta com a fragrância das flores da mungubeira, sentia-se o hálito das reses malhadas³ na praça da igreja e no próprio pata-

³ Para evitar possíveis interpretações errôneas *malhadas*, no caso, corresponde a postas a malhar, ou seja, reunidas em determinado local, geralmente ensombrado.

mar. E os vagos cicios da viração na folhagem davam a ilusão de respiros humanos, como se se ouvisse a população adormecida a arquejar sonoramente nos últimos paroxismos do sono.

Cerca de vinte cavaleiros já haviam chegado até às 5½ no prazo dado, e aquele ponto da cidade se enchia de um rumor insólito e festivo. Ria-se e falava-se alto no meio do estrupido das cavalgadas que sacudiam as moscas e soltavam a espaços relinchos agudos. Novos cavaleiros vinham chegando. Uns faziam roda em cadeiras na calçada, outros formavam grupos em pé ou se espalhavam pela casa adentro até a sala de jantar, onde a Josefina, muito azafamada, entrava e saía a servir sucessivas bandejas de café.

— Vai outra xícara, seu Asclepiades?

— Ora, se! E já tomei em casa. Lá a mulher e as meninas levantaram-se às três horas, e a chaleira cantou logo no fogo. Há dias que tomo café oito vezes. E olhem que quando estive no Rio chegava a tomar quinze e dezesseis.

O grupo procurou um pretexto para rir do conhecido sestro do coletor, que não perdia ensejo de referir-se à sua estada na capital do País. A sua frase — *quando estive no Rio...* pertencia ao domínio da pilhéria da terra.

O escrivão Casimiro andava de grupo em grupo prodigalizando as pilhérias com que criara e sustentava a sua reputação de homem engraçado. Naquele momento fazia as honras do seu ofício, desfazendo na montaria dos companheiros, porque ia até o encontro no cavalo destinado ao promotor.

— A minha garupa está às ordens dos que ficarem no caminho.

E o alvo das suas chufas mais pesadas era o sacristão, com o seu lamentável cavalinho gafeirento e caolho, ajaezado com arreios cinzentos de velhice e com emendas de todos os feitios. O sacristão ria, entre humilde e enfiado, afirmando que o não deixariam atrás.

O vigário, sentado numa rede ao canto da sala, com a batina arrepanhada e caindo pelo avesso roxo em pontas que saíam das aberturas dos lados, conversava gravemente com o juiz de direito, a bater com o chicote nas perneiras de verniz.

— Que horas temos?

— Quase seis, verificou o juiz.

— Já?

— Faltam apenas seis minutos; por que não vamos?

— Ainda falta o Chico Herculano.

— Aquilo é o homem das demoras.

Mas o chefe republicano chegava naquele momento, e, mesmo a cavalo, tomava o seu café.

Pôs-se em marcha a cavalgata. A cidade despertava pouco a pouco. Caras estremunhadas acudiam às portas atraídas pelo rumor das vozes e pelo tropel dos cavalos. Mulheres e crianças do povo passavam de pote na cabeça em direção ao açude. Uma grande nuvem parda velava o sol, mas era já intensa a claridade que banhava tudo, destacando-se ao longe os cabeços da Serra do Tripiá, num fulvo poeiramento de ouro. Sentia-se como o bocejar das casas, cujas portas se abriam com uma lentidão de pálpabras sonolentas.

João Ferreira, que estava àquela hora, conforme um hábito antigo, a passear em camisola e ceroulas na calçada da sua casa, entrou repentinamente ao ver aproximarem-se os cavaleiros.

Em breve, as casas iam rareando, e apenas se viam casebres de taipa, em cujos terreiros galinhas esgravatavam o chão cercadas dos pintinhos flocosos e gritadores. E com um cavo ressoar de patas contra o solo e, com um forte ranger do couro dos selins, a comitiva mostrou-se inteira sobre o paredão do açude e desapareceu depois na curva da estrada, deixando após si um rastilho flutuante e trêmulo de poeira vermelha.

Passava de 11 horas, quando, sob uma soa'heira vivíssima, o promotor assomou à entrada da cidade entre o tio e o juiz de direito. Após estes surgiam os demais cavaleiros num grupo desordenado e confuso, através da grossa nuvem de pó que se elevava do solo. O Dr. Alípio vinha risonho e corado, manejando com garbo as rédeas do brioso e elegante *Sanhaçu*. Trazia um terno de flanela clara, chapéu de palha alvadia e meias botas de couro amarelo.

Ao defrontarem com a casa do coletor, vistosamente embandeirada e com a frente apinhada de povo, a banda de música atacou um peça em que havia frases truncadas da *Marsehesa*, hino provisório da República em vista das recordações monárquicas que ainda se prendiam ao Hino Nacional, cuja adesão só mais tarde se efetuou.

O anfitrião, que tomara um atalho e viera a correr à toda, já estava apeado à porta da casa para receber seus hóspedes.

E ao terminar a música, Casimiro, erguendo-se nos estribos e brandindo o chapéu, gritou com ênfase:

— Viva o Dr. Alípio Flávio de Campos, ilustrado promotor público da comarca!

Um brado uníssono e retumbante correspondeu ao viva.

Alípio, que já se apeara, voltou-se e agradeceu, acenando com o chapéu claro. Iam todos apeando e penetrando na sala depois de terem amarrado os animais às árvores e às estacas do cercado, quando não os entregavam aos fâmulos, ali de prontidão para esse fim. O juiz de direito, sempre muito metódico e pachorrento, ainda se deteve alguns momentos a examinar se a sela não teria porventura

pisado a cernelha do seu cavalo, que entregou ao criado, recomendando que lhe banhasse o lombo com aguardente.

Os curiosos apertavam o círculo para ver bem de perto o promotor no momento em que este punha o pé no solo e entrava na sala ao lado do dono da casa. O dr. Alípio era de estatura mediana, carnção forte, pele fina e morena, que o sol do sertão tostara levemente, com um sorriso constante na boca insinuante sobre a qual se arqueava um pequeno bigode negro.

Usava lunetas, mas de vidraça escura, por causa do sol.

O coletor em pessoa servia o conhaque, enquanto Casimiro reclamava a preferência para a aguardente, que oferecia, gabando a sua superioridade sobre a bebida estrangeira. E foi com uma gritaria de triunfo que acolheu a opção do promotor pela bebida patricia. E aquela era da *doiradinha* do major Herculano, engarrafada havia cinco anos!

O grupo que cercava o dr. Alípio afastou-se para dar passagem à família do coletor — a mulher, a filha mais velha e um bando de crianças.

Foi o vigário quem fez a apresentação:

— Aqui tens a minha comadre D. Claudina, a minha afilhada, Florzinha, que é mesmo a flor do moceiro da terra.

Vermelha de acanhamento, a moça estendeu a mão ao dr. Alípio num gesto desazado; D. Claudina, mais desembaraçada e toda rissonha, respondeu ao cumprimento do hóspede, dizendo que da mesma forma estimava conhecê-lo, que estivesse a gosto, fazendo de conta que estava em sua própria casa.

Em seguida, Alípio entrou a festejar os meninós, em número de oito.

— Mas quantos são ao todo?

— Dez vivos e três mortos, informou Asclepiades; o mais velho é o Florismundo, comerciante em Maranguape; o segundo e a terceira morreram; vem depois a Floriza; o quinto nasceu morto; este é o Vilfredo, ali a Fornarina, o Alberico, o Asclepiades, a Abigail, a Davina, o Filemom e o Leônidas, que é, por ora, o caçula.

— Que nomes estrambóticos! exclamou Casimiro; e este homem saber tudo isso de cor!

Estalou uma gargalhada geral, que contagiou o próprio promotor. Asclepiades, um pouco enfiado, sobretudo por ver que seu hóspede ria também, retorquiu com um sorriso contrafeito:

— Cada qual com seu gosto, meu caro. Vocês aqui não passam de Manuel, João, Vicente, Joaquim e outros nomes vulgares. Aqui o nosso promotor perderia muito se, em vez de Alípio, se chamasse Inácio ou Francisco.

E ia levantar-se uma discussão sobre nomes, quando o professor Agrela, erguendo o seu terceiro cálice de conhaque e a potente voz,

que ele dizia débil, brindou ao promotor em nome dos republicanos ipuçabenses.

Fora, a música tocou alguns compassos de uma quadrilha antiga.

— Seu doutor!

— Sr. Dr. Alípio!

— Sr. promotor!

Alípio agradeceu risonho com uma inclinação de cabeça.

— Ficam os brindes para mais tarde! bradou o vigário. Senhora comadre, mande botar o almoço.

— Apoiado! gritaram diversas vozes.

D. Claudina e Florzinha dirigiram-se para o interior da casa, e Asclepiades conduziu Alípio a um quarto para escovar o fato e lavar o rosto e as mãos.

A música, que estava na frente da casa, entrou para o alpendre contíguo à sala de jantar. Compreendia a banda sete figuras — um clarinete, um pistom, um trombone de vara, dois baixos — um de canto, outro de acompanhamento, e a pancadaria — pratos e bombo, tocados por um só indivíduo.

Pouco depois servia-se o almoço. Logo ao *bordeaux*, levantou-se o juiz de direito e brindou ao Sr. Dr. Alípio Flávio de Campos, em quem esperava encontrar um auxiliar na altura de tornar a justiça de Ipuçaba digna da confiança dos seus comarcãos.

Mal acabavam as palmas e os hurras, e o professor, com um ar soberbo, levantava-se para falar; mas puxaram-no com força pela aba do fraque, e ele sentou-se protestando e explicando-se com uma insistência reveladora do seu estado.

Foi Asclepiades quem falou depois, com uma moderação rebuscada, amesquinhando modestamente o valor daquela demonstração e comparando por fim o nobre órgão da justiça a “um sol que surgia para o coração dos patriotas daquela terra até então imersa nas trevas do obscurantismo”.

À sobremesa, Alípio ergueu-se e todos se puseram de pé. Os que não tiveram lugar à mesa aproximaram-se; D. Claudina e Florzinha, que estavam dirigindo o serviço, postaram-se à porta; caiu um silêncio tímido de ansiedade. Com a alma de joelhos, começou o Dr. Alípio, agradecia os obséquios da família Asclepiades e nela brindava a família ipuçabense. Nem melhor poderia personificá-la do que em D. Claudina, protótipo de matrona brasileira, e em D. Florzinha, a quem ia tão bem esse nome meigo e perfumoso, porque era realmente uma flor de mocidade e beleza, a embalsamar o ambiente em que desabrochava com a fragrância da sua inocência e da sua bondade.

O padre afetava um recolhimento digno procurando ocultar o seu orgulho satisfeito. O coletor ouvia-o baboso, com o semblante re-puxado por um sorriso que lutava para não mudar em choro. D.

Claudina havia já perdido de todo a compostura risonha do semblante, e lágrimas teimosas lhe caíam aos pares dos olhos transfigurados. Florzinha tinha nas faces duas labaredas de pejo, e torcia nervosamente entre os dedos uma fita do vestido, toda repassada de calafrios, com um desejo louco de fugir para o seu quarto a fim de libertar-se da opressão estranha que lhe causavam as palavras do bacharel.

Este, porém, tinha atingido o delírio lúcido dos oradores de raça, estava dominado pela vertigem retórica em que as frases vêm como maquinalmente aos lábios, sem dependência do pensamento.

A alma do auditório vibrava toda e se dobrava àquele verbo pujante como um campo de panasco⁴ ao sopro de uma lufada. Alguns sentiam vagamente que havia um quer que fosse de ousado nas expressões com que o promotor se referia a Florzinha, falando de amor, de beijos, de sonhos e de gozos no meio do entretecido das imagens literárias, das evocações históricas, que não entendiam mas os arrebatavam pela sonoridade e fluência da dicção. E o tropo final, mais cuidadosamente arredondado, mais calorosamente articulado, terminou com uma frase de fogo e com um largo gesto dramático.

Palmas intermináveis, hurras frenéticos ressoaram enquanto as duas senhoras se aproximavam da mesa para tocar no copo do orador. E houve em todos os nervos, sujeitos a uma forte tensão durante meia-hora, uma crise de abatimento delicioso, uma calma de que bem precisavam os estômagos fartos. O Chico Herculano, que esperara um brinde político, não estava entretanto pouco comido, e foi em quatro palavras laboriosas que fez o brinde de honra ao Generalíssimo Deodoro.

A mesa despovoou-se para encher-se de novo com os músicos e com os convivas que não couberam na primeira. Mas o professor, com duas grossas lágrimas nos olhos injetados e estranhos, deixou-se ficar e rompeu logo com um brinde, não escutado, a Silva Jardim.⁵

Florzinha havia-se retirado da sala e só reapareceu quando o promotor teve que seguir para a sua residência. Conquanto houvesse banhado e empoado o rosto, adivinhava-se que tinha chorado pelo brilho úmido dos olhos a arderem inquietos sob o velário negro das pestanas palpitantes. O Dr. Alípio percebeu-o, e esse triunfo da sua eloquência soube-lhe melhor que a ovação dos convivas.

⁴ O panasco é uma erva muito comum nos campos nordestinos, que se caracteriza pelo tom do verde para o vermelho.

⁵ Um dos líderes civis do movimento republicano no Brasil, morreu tragicamente, quando, em visita ao vulcão Vesúvio, na Itália, foi tragado pela cratera.

E foi com um deleite voluptuoso que lhe apertou longamente e com força a mão no momento de sair, acompanhado por um grupo a cuja frente tocava a banda de música um dobrado triunfal pelas ruas incendiadas de fulgores caniculares.

O jantar em casa de Chico Herculano acabou perto das 8 da noite, e ao voltarem os convivas à sala de visitas já a encontraram repleta de moças que a dona da casa convidara para dançar. Entre elas achava-se a professora pública D. Bilinha, que se destacava das outras pela elegância do traje e pelo seu iniludível desempenho de praciãna.

Mas os homens dispersavam-se pelo gabinete, pelo alpendre e pela calçada, a fumar e a palestrar enquanto passava a crise da digestão. O Dr. Alípio deixou-se prender por um grupo feminino composto da família de Asclepiades, da professora e mais duas moças menos tímidas.

D. Bilinha fazia quase só os gastos da palestra, satisfeita de falar com um homem polido, senhor da arte da galanteria, como o verificou ao trocar com ele as primeiras palavras. Para a gente da terra D. Bilinha passava por afetada em seus modos e gestos, acontecendo que, a despeito da sua afabilidade, algumas pessoas, sobretudo as mulheres, fugiam de conversar com ela porque não sabiam “falar difícil”. Maliciosos diziam-na cheia de “não-me-deixes”, e outros a qualificavam francamente de pedante. Mais do que a sua maneira de falar e de vestir à praciãna, valia-lhe esse conceito a luneta de cabo que trazia presa a uma fita preta e levava de quando em quando aos olhos lânguidos e curiosos de míope.

Muito morena, quase trigueira, dentes magníficos, esbelta e flexuosa, seria formosa se a boca fosse menor e o nariz não tivesse o arrebite petulante que lhe dava um ar menos distinto porém mais provocante. Tal como era, tinha uma graça picante, um encanto que armava a sensualidade.

O Dr. Alípio entrou logo a compará-la à Florzinha, com sua tez muito clara, grandes olhos inocentes, maneiras tímidas de adolescente envergonhada das suas formas e do seu vestido comprido. E ia-se ele esquecendo do charuto e da roda masculina, quando de fora o chamaram, que fosse tomar fresco enquanto os músicos jantavam, que os favorecesse com a sua presença. Casimiro, à frente de uma comissão do “sexo feio”, veio afinal buscá-lo com formalidades cômicas. As senhoras ficaram sós na sala, e D. Claudina, no centro do grupo que engrossara, referia com a sua loquacidade incorreta e risonha os episódios do almoço, enaltecendo os dotes oratórios do Dr. Promotor.

— Aquilo é que é falar, meninas! Ficou tudo de queixo caído. Que pena que ele não fizesse aqui um brinde comprido como fez lá em casa!

— Mas falou muito bem, objetou a professora.

— Ora, foram só quatro palavras.

— Diz que está com dor de cabeça.

E a palestra prolongou-se por aí, até que os músicos começaram a passar para o gabinete. O baixo soltou um ronco de alarma, e logo Casimiro apareceu à porta a bater grandes palmas e a gritar:

— Tirem pares, meus senhores!

Todos foram entrando pouco a pouco, a música deu sinal de quadrilha e, depois de muitas delongas e complicações, os pares se puseram em ordem. O Dr. Alípio dançou com a esposa do Chico Herculano e de *vis-à-vis* com este. Casimiro gritava as marcas num francês terrível e arrastava num galope vertiginoso de tolerância. O juiz de direito dançava com Florzinha, mas a passo e com vagarosas medidas clássicas.

Fora, era compacta a multidão de curiosos. Diziam que as próprias filhas do João Ferreira estavam no *sereno*, um pouco afastadas, ao abrigo da sombra das árvores. Num intervalo, Casimiro foi verificar se isto era exato e viu efetivamente todas três, à fresca, acompanhando curiosamente os movimentos da sala.

— Ora se estão! — disse ele a D. Claudina —, aqueles diabos lá têm vergonha!

— É a mãe que as manda para amanhã espalharem os mexericos do costume.

— Deixem lá essa gente, interveio o vigário que da porta do oitão contemplava as danças ao lado de D. Claudina e outras senhoras idosas.

Terminada a quadrilha, Casimiro pediu a altos brados uma polca; mas Alípio disse que seria melhor uma valsa.

— Pois então vá lá a valsa, embora quase ninguém dance.

— Ah! sozinho também não danço.

— Deixe estar que eu lhe faço companhia.

Florzinha não valsava; Alípio tirou a professora. Casimiro, quase de arrasto, trouxe uma mocinha para seu par, e a valsa começou. Houve um movimento de curiosidade em todos os olhares. D. Bilinha notou a atenção de que eram alvo e sussurrou:

— Vê como reparam em nós?

— São somente para v. excia. esses olhares e muito justificados, porque valsa deliciosamente.

Ambos dançavam bem, com garbo e agilidade, ora lenta, ora rapidamente, recuando, avançando, girando à direita, à esquerda, com uma justeza perfeita de passos, com um *donaire* que entusiasmava os circunstantes. O próprio Casimiro, tinha parado a fim de ver também o par triunfante, já possuído da embriaguez do movimento, da música e do calor recíproco, a deslizar sozinho pela sala, sem mos-

tra de fadiga, respondendo com um sorriso de gozo ao sorriso admirativo da sociedade, trocando frases rápidas cujos sons velados penetram no ouvido acompanhados de uma onda de hálito quente.

— Está cansada?

— De modo algum!

— Como dança bem!

— Apenas me deixo levar.

— Ora! Nunca valsa aqui?

— Pouco, e ninguém sabe.

— Por que não ensina estas moças a valsar?

— Sou professora somente de primeiras letras.

— Pois podia ser também de valsa.

— Agora sou apenas discípula.

Mas a música precipitava o compasso para terminar, e os valsistas, precipitando também os seus giros, pararam finalmente com a precisão de um passo ginástico, no meio de um sussurro de louvor.

— Ah! senhor vigário, bradou uma senhora: o seu sobrinho dança divinamente!

— Mas olhe que D. Bilinha não lhe fica atrás.

— Viva o belo par! gritou o Casimiro com o seu ar espalhafatoso. E encarando o promotor:

— Doutor, permita que lhe diga: o senhor ainda valsa melhor do que fala!

Todos riram. O Dr. Alípio foi sentar Bilinha ao lado de Florzinha, que seguira com os olhos deslumbrados os valsistas vitoriosos.

— A senhora brilhou, D. Bilinha!

— Qual, queridinha! Não dançava, há tanto tempo!

— Quer ensinar-me a valsar?

— Pois não! Vamos começar aqui?

— Aqui não! Deus me livre! Para o Dr. Alípio caçoar de mim!

— Por que não danças com ele? Devas experimentar. Com duas ou três vezes ficavas mestra.

— Não vê logo que eu vou dar espetáculo?!

Tocou-se a segunda quadrilha; o Dr. Alípio dançou-a com Florzinha. E no correr da festa, que acabou pela madrugada, ele levou a revezar as duas raparigas, experimentando sucessivamente as impressões diferentes que elas lhe davam — Florzinha, apenas mulher, revestida da graça meiga de uma adolescência ignorante; Bilinha, mulher feita, de carne capitosa e espírito sábio; comparando-as, ora para deduzir uma preferência, ora fundindo-as para completar um tipo ideal de mulher, decidiu antes de adormecer que, faltando a uma requisitos possuídos pela outra, ele, como poeta e como homem, o que tinha a fazer era requestar a ambas — estava claro.